

A TRADUÇÃO CULTURAL COMO NORTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O APAGAMENTO DE ITENS CULTURAIS NIGERIANOS NA TRADUÇÃO BRASILEIRA DO ROMANCE *FIQUE COMIGO*, DE AYOBAMI ADEBAYO

CULTURAL TRANSLATION AS BEACON: NOTES ON THE ELIMINATION OF NIGERIAN CULTURAL ITEMS IN THE BRAZILIAN TRANSLATION OF AYOBAMI ADEBAYO'S NOVEL STAY WITH ME



Rodolfo Moraes FARIAS
Doutorando
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras
João Pessoa, Paraíba, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8243903520834447>
<http://orcid.org/0000-0002-4331-3360>
rodolfetz83@gmail.com

Vanessa Neves Riambau PINHEIRO
Professora Associada
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
João Pessoa, Paraíba, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8345360905892527>
<http://orcid.org/0000-0003-3137-2328>
vanessariambau@gmail.com

1

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar aspectos culturais da tradução para o português brasileiro do romance *Stay with me*, de autoria da nigeriana Ayòbámi Adébáyò, publicado originalmente em língua inglesa. Propomos, aqui, mediante cotejamento entre o original e a referida tradução, apontar algumas escolhas tradutórias controversas, passíveis de revisão em edições futuras, bem como aventar algumas hipóteses explicativas que nos ajudem a sopesar as razões por trás das opções de tradução, questionando, a partir de teóricos como Lambert e Van Gorp (2014), Arrojo (2007), Levý (2011) e Aixelá (2013), dentre outros, como o processo de tradução literária pode ser aperfeiçoado no Brasil.

Palavras-chave: *Stay with me*. Ayòbámi Adébáyò. Literatura nigeriana. Tradução cultural. Especificidades culturais.

Abstract: *This work intends to analyze cultural aspects of the Brazilian Portuguese translation of Nigerian author Ayòbámi Adébáyò's novel Stay with me, originally published in English. What we propose here, by collating the original and its aforementioned translation, is to point out some controversial translation choices that can be reviewed in future editions, as well as to suggest some explanatory hypotheses that might help us further weight the reasons behind the translation options, questioning, based on theoreticians such as Lambert and Van Gorp (2014), Arrojo (2007), Levý (2011), and Aixelá (2013), among others, how the literary translation process can be perfected in Brazil.*

Key words: *Stay with me*. Ayòbámi Adébáyò. Nigerian Literature. Cultural Translation. Cultural specificities.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

A tradução literária e os limites da precisão

Cada tradução [...] exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis. (Arrojo, 2007, p. 78)

2 Quando a crítica literária Leyla Perrone-Moisés (2017) criticou a tradução de uma obra publicada no Brasil, não o fez sem justificar-se de antemão, afirmando ter geralmente evitado emitir “pareceres negativos”. Se resolveu manifestar-se negativamente acerca de uma obra em específico, fê-lo “pelo bem da cultura”, afirma. Após esse aparte inicial, ela então qualificou a transposição de *O prazer do texto*, de Roland Barthes, para o nosso português, levada a cabo por J. Guinzburg, como “uma péssima tradução”, cujos “erros são tantos que seria aborrecido repertoriar todos” – embora não se tenha furtado à tarefa, findando por enumerar aqueles que talvez julgasse mais flagrantes. E concluiu dizendo que essa tradução não precisa apenas de revisão, precisa ser refeita, para que esse livro importante de Barthes exista finalmente no Brasil (Perrone-Moisés, 2017). Ao atestar esse problema na tradução, Perrone-Moisés sentencia um problema mais grave que o mau desempenho do processo tradutório – e/ou a ausência de uma revisão competente que o ajuste – acarreta: o grave prejuízo aos leitores, que, diante de um texto aquém do original, têm sua experiência de leitura empobrecida ou até mesmo invalidada pela má tradução.

Há muito as discussões sobre equivalência, correspondência, fidelidade etc. têm perdido espaço na academia para debates mais prementes sobre a prática tradutória em si, numa guinada que visa à promoção do ofício, do processo, que inevitavelmente conduza ao aprimoramento do produto, do resultado final. É com isso em mente que Lambert e Van Gorp (2014, p. 45) alertam sobre abordagens muito focadas na “fidelidade” ou mesmo na “qualidade” da tradução, as quais, ligadas ao texto-fonte em demasia, findam por ser fatalmente normativas. A perspectiva dos autores privilegia, pois, a descrição de traduções existentes, a partir das quais se podem fazer inferências que contribuam para abordagens literárias mais dinâmicas e funcionais (Lambert & Van Gorp, 2014, p. 52). É um viés que intenciona evitar enfoques metodológicos puramente intuitivos (Lambert & Van Gorp, 2014, p. 42)¹, dando aos estudos da tradução um tratamento mais científico e mais sistemático, mas que deixa um pouco a desejar quando – como é o caso aqui – a análise textual da tradução, mediante cotejamento com a sua versão original, é tudo de que dispomos para empreender nossa análise (Lambert & Van Gorp, 2014, p. 50).

FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. A tradução cultural como norte: considerações sobre o apagamento de itens culturais nigerianos na tradução brasileira do romance *Fique comigo*, de Ayobami Adebayo. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-12, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n1.2021.31902

Apesar de não ser uma ciência matematicamente precisa, sujeita a medições minuciosas e prescrições peremptórias, a tradução não é, tampouco, isenta de regras e cominações ou imune a julgamentos. Assim, “a tradução é, por definição, a operação de leitura mais cuidadosa que se pode imaginar” (Britto, 2012 p. 51), um procedimento criterioso cujas minúcias desaparecem no produto final, o texto-meta, que se apresenta como algo novo e único, embora deva tributo ao original de que foi, por falta de melhor palavra, “extraído”. Portanto, “não só podemos como devemos avaliar criticamente traduções com um certo grau de objetividade” (Britto, 2012, p. 39). E ante a impossibilidade de se atingir a objetividade absoluta, não podemos cair na armadilha de sucumbir à subjetividade total, assim como não podemos descartar de todo o ideal de fidelidade, sob o argumento de que alcançá-la afigura-se impossível. “Se a fidelidade absoluta, integral, perfeita, é uma meta inatingível, nem por isso vamos abrir mão dela como orientação” (Britto, 2012, p. 50).

Britto (2012, p. 39), nesse ponto, critica Arrojo, acusando a teórica de pecar por excesso de subjetividade ao afirmar que a opção entre Augusto de Campos ou Paulo Vizioli como o autor da melhor tradução de um poema de John Donne estaria sujeita ao alinhamento teórico pessoal do julgador. Defendemo-la, todavia, pois entendemos que ela não propõe a liberdade total do tradutor, apenas aduz que a “tradução desse, ou de qualquer outro poema, seria fiel em primeiro lugar, à nossa concepção de poesia, concepção essa que determinaria, inclusive, a própria decisão de traduzi-lo” (Arrojo, 2007, p. 43). Longe de hastear a bandeira da liberdade absoluta, o que ela alega, mediante rigoroso raciocínio analítico, é que nenhum tradutor estaria isento das ideias sobre tradução informadas por suas leituras e experiências pessoais:

O meu próprio projeto – a teoria de tradução que proponho neste livro – não pode ser inteiramente *meu*; é, inevitavelmente, também um produto de minha história: dos livros que li, dos autores que aprendi a admirar, da visão de mundo que essas leituras e esses autores ajudaram a construir (Arrojo, 2007, p. 41, destaque da autora).

Postura ironicamente compartilhada por seu crítico, que, ainda que inadvertidamente, finda por defender a possibilidade de escolha do tradutor – pelo menos no caso específico da tradução poética –, ao dizer que o ofício tradutório “consiste em identificar as características poeticamente relevantes do texto poético e reproduzir as que lhe parecem mais importantes” (Britto, 2012, pp. 132-133).

Não obstante, tendo em vista toda a problemática que o vocábulo fidelidade evoca – por aludir, justamente, a uma idealização intangível –, preferimos utilizar, como critério avaliativo, a tradução cultural, ou seja, a confiança do leitor de que ela corresponda, na medida do possível, a que foi originalmente pretendido pelo autor no contexto cultural de origem. Diferentemente da fidelidade, em tese mais objetivamente aferível, fidedigna seria a tradução, literalmente, digna de fé, na qual depositamos a crença – ou o crédito – de estarmos diante de algo verdadeiro ou, no mínimo, mais próximo do que distante de seu protótipo. Nesse sentido, “a tradução deve ser a reprodução a mais precisa possível do trabalho original, mas acima de tudo deve ser um trabalho de valor na literatura doméstica, sem o que a maior das precisões não teria valor nenhum” (Levy, 2011, p. 60)². É, pois, uma tênue linha estabelecida entre o ideal quimérico de fidelidade e o objetivo de manter a qualidade técnica.

A mediação cultural e os desafios da transposição idiomática

4

A assimetria cultural entre duas comunidades linguísticas é refletida necessariamente nos discursos de seus membros, [...] frente à diferença trazida pelo outro, com toda uma série de sinais culturais capazes de negar e/ou questionar nosso próprio estilo de vida, a tradução[...] mostrará [...] o grau de tolerância da sociedade receptora e sua própria solidez. (Aixelá, 2013, pp. 187-188, destaque do autor)

Embora tenhamos total consciência de que “os tradutores são, geralmente, pessoas que carregam total responsabilidade pelo produto, mas em hipótese alguma os únicos que controlam de fato os resultados” (Aixelá, 2013, p. 202), é somente neles que, para fins metodológicos, focaremos neste estudo. Assim, a problemática da interferência cultural será encarada, a priori, a partir de seu elemento mais basilar, a linguagem, manifestação primeira de tudo aquilo que pensamos, sentimos, intuimos e desejamos externar. É por meio da linguagem que simbolizamos – e damos forma – a raciocínios e emoções, tarefa que se afigura complexa e desafiadora quando diante da transferência ou transmutação desses conteúdos para um idioma estrangeiro. Assim,

[...] traduzir uma obra literária significa expressá-la, mantendo sua unidade de fundo e forma, em uma matéria verbal diferente. Porém, uma língua em si, enquanto sistema de comunicação dentro de uma determinada sociedade, é específica de tal sociedade. Esse aspecto de especificidade tende a se perder na tradução. Na medida em que uma língua é meramente a matéria que fornece o

FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Neves Riambau. A tradução cultural como norte: considerações sobre o apagamento de itens culturais nigerianos na tradução brasileira do romance *Fique comigo*, de Ayobami Adebayo. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-12, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n1.2021.31902

conteúdo e a forma de uma obra literária, os atributos histórico-culturais dessa língua não podem ser apreendidos, pois ela então cessaria de ser a matéria e se tornaria a forma em si, i.e., o significado (Levy, 2011, p. 89)³.

Os códigos linguísticos são, portanto, únicos, de modo que não há equivalência absoluta possível entre um e outro, tendo em vista a especificidade da experiência histórico-cultural de cada comunidade linguística. “A noção de arbitrariedade não possibilita que dois códigos linguísticos coloquem cada signo no mesmo ponto de suas respectivas escalas” (Aixelá, 2013, p. 187). Daí porque, na tradução, a escolha vocabular deve obediência à lógica interna da língua-alvo mais do que a uma eventual correspondência com a língua-fonte. O escopo é, pois, estabelecer paralelos entre os dois idiomas levando-se em conta não a relação horizontal entre eles, mas a verticalidade e autonomia de cada sistema. Quando o tradutor ignora tal orientação, o resultado frequentemente é um texto pouco coeso, carente de organicidade – algo frequentemente sentido pelo leitor, ainda que este não consiga ou não saiba expressar exatamente por quê.

“A escolha está longe de ser inocente, mesmo nos casos (frequentes) em que os tradutores decidem o que fazem de forma automática” (Aixelá, 2013, p. 188). O problema reside no prejuízo aos leitores, posto que, ainda que não intencional ou irrefletidamente, a soma das decisões tradutórias que compõem o texto final finda por moldar a experiência de leitura daqueles que ignoram o idioma-fonte ou a obra original, empobrecendo-lhes o contato – às vezes, inicial – com uma determinada cultura. “Isso resulta em uma tradução com perda financeira para os iniciadores em um período histórico, caracterizado por uma clara democratização do componente comercial de cultura” (Aixelá, 2013, p. 191), ou seja, uma perspectiva marcada pela homogeneização cultural a serviço das facilidades impostas pela mercantilização da diferença: aparam-se as arestas da alteridade de modo a transformar a singularidade do outro numa tradução domesticada, porém pitoresca e diluída.

Exemplos claros desse fenômeno, a que Aixelá dá o nome de “status ideológico” [do tradutor], serão enumerados no tópico seguinte, que abordará algumas instâncias em que a tradução da obra literária em questão para o português brasileiro não privilegiou a manutenção de determinadas especificidades culturais nigerianas (yorubás), optando ora pelo apagamento, ora pelo esmaecimento⁴, o que, em alguns momentos, resultou em óbvio prejuízo estético para o leitor – tais exemplos “sugerem que a posição central ou periférica de uma obra no corpus receptor é um fator crucial na tradução” (Aixelá, 2013, p. 216). Assim, ainda que o idioma

FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. A tradução cultural como norte: considerações sobre o apagamento de itens culturais nigerianos na tradução brasileira do romance *Fique comigo*, de Ayobami Adebayo. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-12, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n1.2021.31902

predominante do texto original seja o inglês, língua que goza de óbvio privilégio no mercado editorial global⁵, o fato de se tratar de uma obra africana automaticamente a situa em posição inferior, fato que se verifica sobretudo no cuidado (ou não) na tradução de vocábulos de origem yorubá essenciais à compreensão da narrativa. É nesse ponto em específico que se concentram as críticas pontuais, realizadas por nós aqui, à tradução que estamos analisando – intencionamos apontar aquilo que consideramos deslizes passíveis de otimização em edições seguintes da referida obra traduzida, de modo a colaborar para a difusão da cultura yorubá e evitar seu apagamento.

O universo yorubá e a ameaça do apagamento simbólico

Ègbe iṣu ko niyán. *O inhame pilado não é igual ao inhame. (Um produto refinado é superior à versão crua).* (Owomoyela, 2005, p. 407)⁶

6 Conforme pôde ser observado, estratégias de conservação diante de itens culturalmente específicos são usadas no sentido de manter incólumes as diferenças culturais existentes entre dois (ou mais) sistemas linguísticos distintos, privilegiando, desse modo, uma perspectiva tradutória estrangeirizante, que “consiste em levar o leitor até o tempo e o lugar do original, sem que seja feita outra concessão à sua facilidade de leitura que não a troca do [...] original pelo português” (Britto, 2012, p. 61). Venuti (1995) afirma que o propósito é que a transparência seja desmistificada e vista como um efeito discursivo, dentre outros. Na abordagem oposta, o tradutor, em face de questões espinhosas, pode “simplesmente eliminá-las, ou até mesmo – levando a domesticação ao extremo – substituí-las por referências locais e atuais” (Venuti, 1995, p. 60). Desta forma, o que o texto domesticador busca ofuscar, o estrangeirizador deseja mostrar, preservando o universo cultural de onde se origina o texto.

A tradução do romance *Fique comigo*, da nigeriana Ayòbámi Adébáyò, parece ficar no entre-lugar entre a domesticação e a estrangeirização, razão por que, supomos, o produto final se mostre insatisfatório sob o ponto de vista da transposição cultural. Ao mesmo tempo em que não se preocupa em ser fiel à cultura yourubá, tampouco propõe opções que modifiquem o contexto ao ponto de torná-lo familiar ao leitor. Conforme veremos nos exemplos a seguir, a desatenção à especificidade de elementos da cultura de origem ocasiona o efeito indesejado de empobrecer a experiência de leitura de quem não tem acesso ao texto original, i.e., do leitor (brasileiro) médio.

FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. A tradução cultural como norte: considerações sobre o apagamento de itens culturais nigerianos na tradução brasileira do romance *Fique comigo*, de Ayobami Adebayo. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-12, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n1.2021.31902

Ao traduzir “*pounded yam*” como “purê de inhame” em vez de “inhame pilado”, a tradutora não propõe um alimento que cotidianamente seria próximo ao público-leitor alvo, no caso, os leitores e falantes de língua inglesa; apenas se furta a preservar o alimento como é apresentado originalmente, traduzindo-o por um pseudo sinônimo que o desqualifica culturalmente. Na cultura africana como um todo (e na yorubá em particular), a comida é mais do que mera nutrição com vistas à sobrevivência, tendo forte valor simbólico e mesmo ritualístico, conforme se depreende do excerto a seguir, em que Yejide, a protagonista do romance, após ser surpreendida com a presença em sua casa da mulher que viria a ser a nova esposa de seu marido, improvisa uma refeição para os familiares ali presentes:

Eu não tinha intenção de preparar uma coisa para cada pessoa, então preparei para eles o que quis. Servi-lhes ensopado de feijão. [...] Fiquei desapontada por Akin ter se recusado a tocar na comida. Quando eles se queixaram, dizendo que teriam preferido purê de inhame com ensopado de legumes e peixe seco, ignorei o olhar de Akin. Em qualquer outro dia, eu teria voltado para a cozinha para amassar o inhame. Naquela tarde, porém, tive vontade de dizer-lhes que se levantassem e amassassem o inhame eles mesmos, se era purê de inhame o que realmente queriam. Engoli as palavras que queimavam em minha garganta [...] e falei que não podia amassar o inhame porque tinha torcido o pulso no dia anterior (Adebayo, 2018, p. 21).

7

I was not ready to cook a separate meal for each person, so I served them what I wanted. I gave them bean pottage. [...] I was disappointed that Akin refused to eat anything. When they complained that they would have preferred pounded yam with vegetable stew and dry fish, I ignored Akin’s look. On some other day I would have gone back to the kitchen to pound yam. That afternoon, I wanted to tell them to get up and pound yam if they really wanted pounded yam. I swallowed the words burning in my throat [...] and told them I could not pound because I had sprained my hand the day before (Adebayo, 2017, pp. 13-14).

Percebe-se, nos trechos transcritos, que o preparo de uma refeição específica para cada um dos presentes, à escolha dos próprios, sem medir esforços, é o que se espera da boa anfitriã yorubá, tanto que os convivas não se constrangem em admoestá-la por não tê-lo feito, forçando-

a a fingir uma torção na mão (e não no pulso, como consta na tradução) para poder se esquivar da tarefa. A plausibilidade dessa desculpa está diretamente ligada ao fato de que ela não deseja *pilar* o inhame – e não simplesmente amassá-lo, tarefa que poderia inclusive ser realizada com o auxílio de um utensílio de cozinha que não lhe demandasse força física. É no mínimo curioso, portanto, que a tradução adotada tenha grafado o verbo “*to pound*” como “amassar” e o adjetivo “*pounded*” como (o substantivo) “purê”, quando uma solução mais adequada – e até mais fácil – teria sido traduzi-los como “pilar” e “pilado”(ou “socar” e “socado”, e até mesmo “amassar” e “amassado”), termos que, além demais próximos do sentido original, conservam também o atributo cultural presente na ação que o termo evoca⁷: “Prepara-se inhame pilado pilando-se, com o uso de almofariz (ou moedor) e pilão (ou pistilo), inhames cozidos e descascados até formar uma pasta, que é ingerida com um ensopado” (Owomoyela, 2005, p. 50)⁸.

Ademais de uma comida típica bastante apreciada pela população local, o inhame pilado é também uma comida de santo, iguaria de predileção do orixá Oxaguiã (Verger, 1997, p. 66), divindade do panteão de um dos cultos africanos mais difundidos entre nós, o Candomblé. Tal sacralidade não poderia ter sido ignorada quando da tradução da obra, tendo em vista o fato de a cultura yorubá ser a gênese de muitos cultos de matriz africana praticados no Brasil, de cuja língua o português brasileiro absorveu várias palavras, como axé, abadá, saravá, acarajé, vatapá, etc. Ainda que se tratasse de uma comunidade cultural distante de nós no tempo e no espaço, cremos que as decisões tradutórias deve(ria)m ser tomadas de modo a promover, se não o acesso a tal cultura, sua preservação, de modo a permitir ao leitor o ingresso em seu seio com o mínimo de intromissão possível. Nesse sentido, em se tratando de um romance africano contemporâneo em língua inglesa – com elementos linguísticos de uma cultura fortemente arraigada entre nós em razão dos muitos séculos de tráfico negreiro transatlântico –, o cuidado que se espera da tradução, no que concerne aos aspectos culturais, é ainda maior. E um exemplo ainda mais emblemático ajuda a corroborar a nossa hipótese de que houve, no caso, descuido por parte dos responsáveis pela tradução e revisão no que tange a itens de especificidade cultural, como se desimportantes ou secundários:

Faz dois dias que me mudei para cá. Yejide me mostrou meu quarto. Ela não se importou nem um pouco; na verdade, me recebeu de braços abertos (Adebayo, 2018, p. 84).

FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. A tradução cultural como norte: considerações sobre o apagamento de itens culturais nigerianos na tradução brasileira do romance *Fique comigo*, de Ayobami Adebayo. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-12, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n1.2021.31902

I moved in two days ago. Aunty Yejide showed me to my room. She doesn't mind at all-o; in fact, she welcomed me with open arms (Adebayo, 2017, p. 80, grifos nossos).

Nos excertos acima, em que Funmi, a segunda esposa, informa a Akin que foi aceita na casa pela *iyale*, a primeira, ela a esta se refere, no original em inglês, como “aunty” Yejide, ou seja, “tia”, “titia” ou “tiazinha” Yejide, qualificação que é sumariamente suprimida na tradução. Trata-se de um claro exemplo de apagamento cultural, pois Yejide, ofendida ao ser chamada de “nossa mãe” por Funmi, inspira-a a chamá-la por outra alcunha que, ao mesmo tempo em que demonstra reverência, não a fere: “Suas palavras me atingiram como uma facada. Eu não era sua mãe. Eu não era mãe de ninguém. Todos ainda me chamavam de Yejide. Eu não era Iya Isso ou Iya Aquilo. Ainda era apenas Yejide” (Adebayo, 2018, p. 37); “*Her words pierced me. I was not her mother. I was not anybody's mother. People still called me Yejide. I was not Iya This or Iya That. I was still merely Yejide*” (Adebayo, 2017, p. 30). A informação de que Funmi, não desejando magoar Yejide, encontra uma forma neutra de a ela se referir, perde-se no texto traduzido porque optou-se por ignorar um termo que, longe de ser inocente, é prenhe de significado na narrativa.

O cerne do romance, aliás, é o enorme padecimento psíquico da protagonista em razão de sua (aparente) infertilidade, de modo que qualquer menção a isso tem grande relevância interpretativa. O prejuízo aos leitores é inegável, ao nosso ver, e não se pode acusar a tradutora de displicência, pois parece ter havido a clara intenção de eliminar o termo, assim como se optou por ignorar o sotaque carregado da personagem presente na expressão “all-o”⁹. Exemplo de prejuízo *acidental* vê-se no trecho: “Querida ser o que eu nunca tinha *sido*. Querida ser mãe” (Adebayo, 2018, p. 18, grifo nosso). No original, Yejide na verdade diz: “I wanted to be this thing that I never had. I wanted to be a mother” (Adebayo, 2017, p. 10), “Eu queria ser essa coisa que eu nunca tinha **tido**. Querida ser uma mãe”. Como órfã (sua mãe morrera no parto), a solidão, o isolamento e a sensação de não pertencimento, sentimentos que a acompanharam durante toda a vida, são reforçados pela ausência de uma mãe carinhosa e pela mágoa de um pai que a culpava pela morte da esposa e, enquanto vivo, sempre a lembrava desse fato.

Considerações finais

John Milton (1998, p. 184) sentencia, peremptório, que “a obra original é inviolável, e qualquer tradução não pode ser mais do que uma sombra”, aduzindo que mesmo aquelas que

FARIAS, Rodolfo Moraes; PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. A tradução cultural como norte: considerações sobre o apagamento de itens culturais nigerianos na tradução brasileira do romance *Fique comigo*, de Ayobami Adebayo. *Revista Belas Infieis*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01-12, 2021. e-ISSN: 2316-6614. DOI: doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n1.2021.31902

desempenham papel de destaque em determinado sistema literário devem tributo, por óbvio, ao original que as inspirou, ainda que estudiosos como Gideon Toury, por exemplo, defendam que “a fonte deve ser totalmente desconsiderada” (Milton, 1998, p. 188), e “o estudioso deveria evitar qualquer estudo da fonte ou comparação entre o original e a tradução” (Milton, 1998, p. 189) – noção que consideramos absolutamente questionável. Contudo, diferentemente da assertiva que inaugura este parágrafo, cremos que não deve haver, entre o original e sua tradução, qualquer relação hierárquica, haja vista o fato de termos acesso a certos textos estrangeiros somente por meio de versões traduzidas, o que não é nenhum demérito, pois, do contrário, estaríamos condenados à leitura apenas de obras originalmente escritas em línguas que dominamos – o que, para a esmagadora maioria dos leitores, limitaria as possibilidades e reduziria os horizontes de conhecimento.

O que defendemos, pois, é o desempenho do ofício tradutório na qual exista coerência na proposta do tradutor: ou se preserva o universo cultural de origem da obra que traduz ou opta pela “familiarização” dos costumes e expressões estrangeiras. O que não parece coerente é o tradutor não ter clara sua opção metodológica o que, além de confundir o leitor, afeta o resultado do trabalho realizado.

10

No que se refere aos itens de especificidade cultural, é interessante lembrar que as “traduções atuais tendem a serem lidas como *um* original no nível estilístico e como *o* original no nível sociocultural” (Aixelá, 2013, p. 90, destaques do autor), o que só atesta a crença dos leitores médios na fidedignidade do relato quanto ao seu conteúdo, pouco lhes importando os meandros do processo tradutório.

Levando em consideração o fato de que o leitor médio, não especialista, aceita, sem maiores questionamentos, o texto que lhe é apresentado como a tradução de uma obra escrita em um idioma que ele ignora, é difícil mensurar com exatidão o dano interpretativo sofrido com eventuais falhas oriundas de problemas de tradução. Entretanto, não é difícil supor, à guisa de conclusão, que a repetição de práticas tradutórias não ideais sem que haja o devido questionamento por parte de nós, leitores expertos, acarreta prejuízo cultural para o público e finda por estabelecer parâmetros mais baixos para traduções futuras de obras afins. Exemplo disso é a recente mudança da equipe de tradução e revisão da também nigeriana Buchi Emecheta no Brasil. Sua terceira obra publicada entre nós, *No fundo do poço* (2019), não possui o mesmo esmero que as duas primeiras, *As alegrias da maternidade* (2017) e *Cidadã de segunda classe* (2018), fato que corrobora nossa hipótese e aponta para um problema de viés notadamente comercial: talvez na ânsia de publicar o maior número possível de obras de

autores africanos entre nós, as imposições do mercado editorial brasileiro têm sacrificado a qualidade final dos livros que nos chegam às prateleiras.

Por sermos um país à margem do Ocidente e cuja cultura dialoga, direta ou indiretamente, com o continente africano, seria coerente – inclusive para o nosso próprio desenvolvimento cultural – que a entrada de obras estrangeiras africanas pela via da tradução dê-se de modo a manter o nível (cultural, linguístico e estético) do original que se pretende transmutar até nós. Afinal, apesar de considerarmos de extrema relevância a recorrência de publicações de obras africanas traduzidas para o português, visibilizar essas literaturas por tantos séculos subalternizadas passa pela adequada tradução destes universos culturais.

REFERÊNCIAS

Adebayo, Ayobami. (2018). *Fique comigo*. (Marina Vargas, Trans.). Rio de Janeiro: Harper Collins.

Adebayo, Ayobami. (2017). *Stay with me*. New York: Alfred A. Knopf.

Aixelá, Javier Franco. (2013). Itens Culturais-Específicos em Tradução. (Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva, Trans.). *In-Traduções*, Florianópolis, 5(8), 185-218. ISSN 2176-7904.

Arrojo, Rosemary. (2007). *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 5. ed. São Paulo: Ática. (Série Princípios; 74)

Britto, Paulo Henriques. (2012). *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Coleção Filosofia, Literatura & Artes).

Emecheta, Buchi. (2017). *As alegrias da maternidade*. (Heloisa Jahn, Trans.). Porto Alegre: Dublinense. Título original: The joys of motherhood.

Emecheta, Buchi. (2018). *Cidadã de segunda classe*. (Heloisa Jahn, Trans.). Porto Alegre: Dublinense. Título original: Second class citizen.

Emecheta, Buchi. (2019). *No fundo do poço*. (Julia Dantas, Trans.). Porto Alegre: Dublinense. Título original: In the ditch.

Heilbron, Johan & Sapiro, Gisèle. (2009). Por uma sociologia da tradução: balanço e perspectivas. (Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa, Trans.). *Graphos*, João Pessoa, 11(2), 13-28. ISSN 1516-1536,

Lambert, José & Van Gorp, (2014). Hendrik. On describing translations. In Theo Hermans (Ed.). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation* (pp. 42-53). New York: Routledge.

Levý, Jiří. (2011). *The art of translation*. (Patrick Corness, Trans.). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Milton, John. (1998). *Tradução: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção leitura e crítica).

Owomoyela, Oyekan. (2005). *Yoruba proverbs*. Lincoln: University of Nebraska Press.

Perrone-Moisés, Leyla. (6 abril, 2017) O desprazer do texto. *Peixe-Elétrico*, blog. Recuperado 13 de agosto de 2019 de <https://www.peixe-eletrico.com/single-post/2017/04/06/O-desprazer-do-texto>.

Venuti, Lawrence. (1995). *The Translator's Invisibility*. Londres / Nova York: Routledge.

Verger, Pierre Fatumbi. (1997). *Lendas africanas dos orixás*. (Maria Aparecida da Nóbrega, Trans.). 4. ed. Salvador: Corrupio.

¹ “Indeed, our methodology in this respect too often remains purely intuitive” (Lambert & Van Gorp, 2014, p. 42).

² “[...] a translation must be as accurate a reproduction of the original work as possible, but above all it must be a work of value in the domestic literature, as otherwise even the greatest accuracy is of no avail” (Levý, 2011, p. 60, tradução nossa).

³ “[...] to translate a work of literature means to express it, maintaining the unity of its content and form, in different verbal material. However, a language in itself, as a system of communication means within a given society, is specific to that society. This aspect of its specificity is bound to be lost in translation. Insofar as a language is merely the material which provides the content and the form of a literary work, the cultural and historical attributes of the language cannot be captured, because the language would then cease to be the material, becoming the form itself, i.e. its meaning” (Levý, 2013, p. 89, tradução nossa).

⁴ Para Aixelá (2013, p. 188), “a tradução possibilita à sociedade receptora uma ampla variedade de estratégias, variando da conservação (aceitação da diferença por meio da reprodução dos sinais culturais no texto fonte), à naturalização (transformação do outro em uma réplica cultural)”.

⁵ “[...] perto da metade dos livros traduzidos mundialmente provém do inglês, esta língua ocupa a posição mais central, a que podemos chamar de hipercentral. Vêm em seguida, bastante atrás, mas ainda permanecendo centrais, duas línguas, o alemão e o francês, que representam entre 10 e 12% do mercado mundial de traduções. Oito línguas têm uma posição semiperiférica, com uma parte [...] que varia de 1 a 3% (é o caso do espanhol e do italiano, por exemplo)” (Heilbron & Sapiro, 2009, p. 17).

⁶ “*Egbe işu ko niyán*. The pounded yam is not the equal of theyam. (A refined product is superior to the raw version.)” (Owomoyela, 2005, p. 407, tradução nossa).

⁷ No romance, temos a confirmação dessa importância etimológica num trecho em que as mulheres comparam a relação sexual ao ato de pilar – e o fruto dessa ação, ao produto daí oriundo: “Vamos dar graças a Deus que pelo menos a coisa dura não mata. [...] Se matasse, algumas de nós já estaríamos mortas. Graças a Deus o pilão não mata o almofariz. Se fosse assim, como poderíamos desfrutar de um maravilhoso purê de inhame?” (Adebayo, 2018, pp. 142-143); “At least, we thank God it doesn’t kill people. [...] Some of us would be dead if it killed. We thank God the pestle doesn’t kill the mortar. If it did, how would we be able to enjoy wonderful pounded yam?” (Adebayo, 2017, p. 144).

⁸ “Pounded yam is made by using a mortar and pestle to pound cooked and peeled yams into a paste, which is eaten with a stew” (Owomoyela, 2005, p. 50, tradução nossa).

⁹ Aqui lembramos a lição de Britto, segundo a qual a tradução não pode provocar um estranhamento que inexistia no original: “toda vez que o autor do original utiliza um recurso inusitado, destoante, desviante, que chama a atenção do leitor [...], cabe ao tradutor utilizar, na tradução, algum elemento que suscite no leitor nativo da língua-meta o mesmo grau de estranhamento, nem mais, nem menos” (Britto, 2012, p. 67, grifo nosso). Acreditamos que, no caso, a opção por não marcar o forte sotaque da personagem tenha se dado porque, fazendo-o, criar-se-ia um efeito de estranhamento tal que findaria por prejudicar a compreensão ou fluidez do texto traduzido.